



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

### **Os ingredientes da Cura Gay: Uma análise discursiva da concepção deste enunciado.**

Eduardo Michel Maciel Neiva

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG*

*E-mail: [neiva.top@gmail.com](mailto:neiva.top@gmail.com)*

#### **Introdução**

A polêmica "Cura Gay" faz trabalhar um acirrado debate discursivo em que a memória discursiva da condição homossexual como uma doença é mobilizada. Diante das orientações de Pêcheux, Foucault, Guilhaumou e Mالدیدیر, então buscamos aplicar seus conceitos para compreender de que forma o enunciado da "Cura Gay" se configurou na memória histórica e como se reconfigurou com o passar dos tempo. Este trabalho busca expor aspectos de alguns princípios teóricos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, quais sejam: "Discurso", "Enunciado" e "Trajeto temático", advindos, respectivamente, de Pêcheux (1997; 2008) e Foucault (1997). Este estudo tem como objetivos analisar a "Cura Gay" como acontecimento discursivo, trabalhando com a memória das concepções de sexualidade trazidas na obra de Foucault; analisar quais são os processos de continuidade e descontinuidade no emaranhado dessa rede de enunciados e analisar o trajeto temático da aparição do enunciado "Cura Gay" tentando revolver todos os sentidos trazidos para os dias de hoje.

#### **Metodologia**

Metodologicamente esse trabalho se insere no campo da Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo na vertente que faz trabalhar com as contribuições do filósofo Michael Foucault. Buscaremos seguir o trajeto temático dessa memória de concepção de doença ou perversão pecaminosa que carrega a homoafetividade através dos tempos, abordando os discursos que perpassam a medicina, o direito e a religião.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

### Resultados e Discussões

Essa pesquisa objetiva-se em sua conclusão, expor aspectos de alguns princípios teóricos da Análise do discurso (AD) de linha francesa, quais sejam: “discurso” “enunciado” e “trajeto temático”, advindos, respectivamente, de Pêcheux (1997; 2008), Foucault (1997). A compreensão de Pêcheux (1997; 2008) sobre o que seria a análise do discurso, propondo o trajeto do enunciado discursivo, e a de Foucault (1997) sobre como identificar enunciados, conduziu-nos, necessariamente, ao princípio sobre o “trajeto temático” discursivo advindos de Guilhaumou e Mالدیدیر (1997) que dizem o seguinte a esse respeito: “vemos que a análise do trajeto temático fundamenta-se em um vai-e-vem de atos linguageiros de uma grande diversidade e atos de linguagem que podemos analisar linguisticamente e nos quais os sujeitos podem ser especificados. Diante das orientações de Pêcheux, Foucault, Guilhaumou e Mالدیدیر, então, buscamos aplicar seus conceitos para compreender de que forma o enunciado da “cura gay” se configurou na memória histórica e como se reconfigurou com o passar dos tempo.

Durante muito tempo, o termo homossexualidade “não existiu”. Explicava-se que: homens e mulheres tinham relações com pessoas do mesmo sexo, mas não eram classificadas como homossexuais. Os atos homossexuais poderiam ser considerados, no máximo, atos de pecados, mas isto não era entendido como uma orientação, um estado permanente da pessoa. Foi no século XIX que surgiu a palavra homossexualidade.

Antes de pensarmos o termo da homossexualidade devemos pensar primeiramente na sexualidade, Foucault afirmou que no mundo ocidental durante muitos séculos ligava-se o sexo à busca da verdade, principalmente no mundo cristão. A confissão, foi um método adotado para se colocar a sexualidade no centro das discussões e virou um termo de estudo, principalmente do seu discurso, segundo o autor, ele afirmou que vivemos em uma sociedade que produz discursos tido como verdades, essa produção discursiva leva a produção de poderes, essas verdades sobre a sexualidade foram um problema pois resultaram nas repressões sexuais do mundo ocidental.

Segundo FOUCAULT, “a sexualidade é um computador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Ela não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício. As proibições não são formas



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas”.

O caráter “do mal” da homossexualidade se dá através dos discursos médicos (principalmente através da higiene, da teoria da degenerescência, da medicina-legal e da psiquiatria) sob forma de doença, desvio, síndrome, patologia, degenerescência, loucura, perversão (GREEN, 2000; TREVISAN, 2007).

Durante grande parte do século XX, a homossexualidade esteve atrelada ao campo da doença e tais sujeitos eram taxados de muitos nomes: deficientes mentais, loucos, transtornados do juízo, aberrações. Somente em 1973 a American Psychiatry Association (APA) elimina a homossexualidade do Manual de Diagnóstico e Estatísticas das Desordens Mentais, e em 1990 a Organização Mundial da Saúde retira tal categoria do rol de doenças da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde, o CID-10. No âmbito da psicologia brasileira, apenas em 1999 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) instaura uma portaria proibindo que psicólogos exerçam práticas de tratamentos de “cura” e/ou das chamadas “terapias de conversão”, reconhecendo oficialmente que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão. A retirada da homossexualidade com patologia não significa, no entanto, a superação da ideia de uma “sexualidade anormal”.

Em agosto de 2004, um projeto em tramitação na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro chamou a atenção da opinião pública e desdobrou-se em delicada controvérsia sobre a possibilidade de mudança da orientação sexual dos homossexuais.

O discurso religioso que contemplava a noção de *cura* da homossexualidade apareceu como perspectiva hegemônica, defendida por diferentes denominações, apesar das variadas ênfases cosmológicas e doutrinárias destas igrejas. Assegurando a possibilidade da “transformação” dos indivíduos em *ex-homossexuais*, a fala dos religiosos entrava na área política em um projeto que previa a aquisição de recursos do estado para iniciativas religiosas voltadas à “*recuperação*” de homossexuais. O tema repercutiu na grande imprensa e contou com a reação de diversos setores da sociedade civil: movimentos sociais, intelectuais, personalidades públicas e ONGs manifestaram seu repúdio ao *fundamentalismo* e à *homofobia* dos evangélicos. O debate demonstrou a necessidade premente de investigação das perspectivas e discursos religiosos no que se refere à sexualidade no Brasil contemporâneo.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

### Considerações Finais

O termo “Cura Gay” é uma invenção dos dias atuais, mas o significado que esse enunciado carrega, vem desde muito tempo atrás. O controle sobre os corpos e a sexualidade em si, é objeto de estudo das mais diversas áreas. Atualmente, frente aos discursos altamente repercutidos com o projeto de decreto legislativo PDC 234/11, ou o projeto de “Cura Gay” proposto pela bancada legislativa evangélica nos faz refletir sobre essas relações de poder no campo da sexualidade retomadas pelo poder religioso.

### Referências Bibliográficas.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões Introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel **História da sexualidade 1. A vontade de saber**. Ed. Graal - RJ, 1985.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In P. RABINOW e H. DREYFUS, Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. p.163-183.